

UM MESTRE DA PINTURA REALISTA EM SANTA CRUZ

Sirvaldo do Nascimento SOUZA

Ao concluir o elucidativo texto que valoriza ainda mais a rua recente e bem elaborada obra *O Brasil de Eduard Hildebrandt*, afirma o historiador Gilberto Ferrez ter sido aquele prussiano, “dos pintores aquarelistas que nos visitaram no século passado, sem favor, o mestre do tropicalismo realístico, jamais superado por outro artista no Brasil, não só pela arte de captar as cores e os contrastes de luz, sem olvidar o detalhe arquitetônico, como por ter escolhido ângulos não aproveitados pelos demais”.

E, de fato, manuseando cuidadosamente cada uma das páginas do exuberante álbum que nos foi doado com a dedicatória do seu laborioso organizador, é como se nos transportássemos pelo imaginário túnel do tempo até chegarmos ao Rio de Janeiro de 1844, com todo o seu colorido tropicalista e o sombreado que bem caracteriza visualmente a realidade, - “o preto no branco”, como se costuma dizer popularmente.

Recebendo-nos no último dia 23-5-89 para uma conversa no seu escritório da Rua da Quitanda (Loja Marc Ferrez), o historiador Gilberto Ferrez falou sobre as dificuldades por ele enfrentadas até que finalmente pudesse ter acesso ao legado de Eduard Hildebrandt, que hoje se encontra em parte na *Nationalgalerie*, instalada no lado oriental de Berlim, capital da República Democrática Alemã. Os obstáculos foram imensos, mas queremos acreditar que o historiador saiu-se recompensado por ter podido oferecer ao Brasil mais uma extraordinária contribuição para o estudo e divulgação da história da nossa Iconografia.

A passagem de Hildebrandt por Santa Cruz ocorreu em julho de 1844, quando o aquarelista alemão retornava de São Paulo. O primeiro desenho, medindo 187 x 277 mm é o esboço a lápis da antiga fazenda dos jesuítas: “O colégio e a igreja - observa Gilberto Ferrez no texto-legenda - dominam por sua massa, as casinhas que se foram construindo ao lado da

praça; ao longe, o campo de Santa Cruz, onde os padres criavam o gado que abastecia a cidade do Rio de Janeiro. A Fazenda de Santa Cruz já está mencionada no mapa de Luiz Albernaz, de 1610. Jean-Baptiste Debret e especialmente Maria Graham (Lady Calcott) nos deixaram outros bons desenhos dessa região”, conclui o historiador.

Acrescentaríamos por nossa conta, mas ainda com base nos próprios estudos de Gilberto Ferrez, que o austríaco Thomas Ender (1817), o belga Benjamin Mary (1838) e o prussiano Príncipe Adalberto (1842) também contribuíram para o enriquecimento da nossa Iconografia legando-nos bons desenhos da antiga fazenda jesuítica.

O segundo desenho de Santa Cruz, que aparece no álbum em fusain (espécie de carvão vegetal muito usado pelos artistas), também retrata o antigo colégio e igreja dos jesuítas, mas que, na época da passagem de Hildebrandt já funcionavam como Palácio Imperial. É nesse trabalho que podemos perceber nitidamente a essencialidade realística daquele pintor prussiano. As casinhas ao redor da monumental construção edificada pelos padres inicianos parecem ainda menores e nos oferecem um excelente e fidedigno retrato do que era a nossa “cidade honorífica” naqueles idos de 1844, cujo povoado se resumia na aglomeração de algumas poucas construções na área que hoje corresponderia às ruas Senador Camará, Ricardo Kirk, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Dom João VI e trechos iniciais da Av. João XXIII e Reta do Morro do Ar, além das atuais Praças do Gado, da Superintendência e Ruão.

Vale acrescentar que no Brasil o primeiro a divulgar mais detalhadamente a obra do aquarelista Eduard Hildebrandt foi o embaixador Joaquim de Sousa Leão, a quem G. Ferrez homenageia transcrevendo, como introdução do seu álbum, o texto publicado por aquele estudioso da nossa Iconografia inserto na “Revista da Semana”, de 22 de maio de 1937.

Entre outras informações, Sousa Leão assinala que E. Hildebrandt empreendera viagens pelo mundo a expensas de Frederico Guilherme. Aqui no Brasil teria chegado no dia 31 de março de 1844, data em que aportou no Rio de Janeiro. “Veio pela barca francesa Amélie de 310 toneladas, equipagem de 16 pessoas, com carga de vários gêneros e 14 passageiros franceses, uma inglesa e o prussiano E. Hildebrandt”, segundo dados coligidos por Ferrez no “Jornal do Comércio” de 1844, em movimento do porto - entradas no dia 31.

Além do Rio de Janeiro e de São Paulo, aparecem no álbum de Hildebrandt excelentes trabalhos produzidos na Bahia e em Pernambuco, chamando a atenção o historiador Gilberto Ferrez para as aquarelas da

estrada próxima e da fazenda do Quitite, em Jacarepaguá, pois, segundo ele, "todas estas pranchas são inéditas na iconografia carioca conhecida até agora."

(Do Boletim NOPH, mai/jun 1989)

Nota da Redação O álbum que sugeri ao autor este comentário intitula-se *The Brazil of Hildebrandt*, Rio de Janeiro, Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A., s. d. Foi impresso na República Democrática Alemã e consta de quinze páginas de texto, em inglês, da autoria de Joaquim de Sousa Leão e Gilberto Ferrez, e sessenta e seis páginas de estampas.